

RAYSSA DA SILVA MARTINS

O Imaginário de Francesca Woodman:

Das Técnicas Visuais aos Arquétipos

CARUARU

2017

RAYSSA DA SILVA MARTINS

O Imaginário de Francesca Woodman:

Das Técnicas Visuais aos Arquétipos

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO AO CENTRO ACADÊMICO DO
AGRESTE DA UFPE, COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE
BACHAREL EM DESIGN.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: DESIGN GRÁFICO.

ORIENTADOR: PROF. EDUARDO ROMERO LOPES BARBOSA

CARUARU

2017

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Marcela Porfírio CRB/4 - 1878

M386i Martins, Rayssa da Silva.
O imaginário de Francesca Woodman : das técnicas visuais aos arquétipos. / Rayssa da Silva Martins. – 2017.
89f. ; il. : 30 cm.

Orientador: Eduardo Romero Lopes Barbosa.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Design, 2017.
Inclui Referências.

1. Fotografia. 2. Woodman, Francesca, 1958-1981. 3. Desenhos (Projetos). I. Barbosa, Eduardo Romero Lopes (Orientador). II. Título.

740 CDD (23. ed.)

UFPE (CAA 2017-386)

RAYSSA DA SILVA MARTINS

O Imaginário de Francesca Woodman:

Das Técnicas Visuais aos Arquétipos

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO AO CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE DA UFPE, COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE BACHAREL EM DESIGN.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: DESIGN GRÁFICO.

Monografia aprovada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Design da Universidade Federal de Pernambuco, pela comissão formada pelos professores:

Profa. Dra. Amanda Mansur C. Nogueira

Avaliador (a)

Profa. Dra. Daniela Nery Bracchi

Avaliador (a)

Prof. Dr. Eduardo Romero Lopes Barbosa

Orientador (a)

CARUARU

2017

Resumo

Este trabalho buscou entender e interpretar as estruturas visuais objetivas e subjetivas da obra fotográfica de Francesca Woodman. Tal processo se dará a partir de duas óticas distintas a fim de compreender a obra de forma mais abrangente e completa. A primeira é principalmente voltada ao Design, busca entender, portanto, as características estéticas das fotografias, assim como os elementos visuais que foram propositalmente usados a fim de comunicar e transmitir uma mensagem ou sensação. A segunda pretende adentrar mais profundamente na personalidade da fotógrafa. Tendo como ponto de partida sua obra, buscar-se-á entender as relações subjetivas existentes entre os sentimentos que Francesca transmitiu em suas fotografias com sua própria personalidade, ainda mais, com seus próprios sentimentos, pensamentos, e, por fim, seu Imaginário. Tudo isso através de uma linguagem altamente poética, pessoal, imaginária, ou melhor dizendo: subjetiva; pois é assim que construí a narrativa do presente trabalho, onde interpreto subjetiva e visualmente a obra fotográfico imaginária de Francesca Woodman.

Palavras-chave: Fotografia. Imaginário. Francesca Woodman. Design

Abstract

This work sought to understand and interpret the objective and subjective visual structures of the photographic work of Francesca Woodman. This process is launched from two different perspectives of the creation of a comprehensive and training work. The first time, focused on Design, seeks therefore entente as aesthetic characteristics of the photos, as well as the visual elements that were purposely, is an end of communication and conveys a message or sensation. A second description, more deeply into the personality of the photographer. Having as a starting point her work, seek-to-understand as subjective relations existing between the feelings that Francesca transmitted in her photos with her own personality, still more, with her own feelings, thoughts, and, finally, her Imaginary. All this through a highly poetic, personal, imaginary, or rather subjective, language; because this is how I constructed a narrative of the present work, where I interpret subjectively and visually an imaginary photographic work of Francesca Woodman.

Key-words: Photography. Imaginary. Francesca Woodman. Design

Sumário

1 - INTRODUÇÃO - Estética e Imaginário do Retrato Fotográfico de Francesca Woodman.....	7
2 - Mergulhando no Imaginário e Design das Fotografias de Francesca Woodman.....	12
2.1. A Teoria do Imaginário.....	12
2.2. Francesca Woodman.....	16
2.3. Novos Fundamentos do Design.....	19
3 - Conectando Universos.....	21
3.1. Espelhos.....	24
3.2. Feminismo.....	35
3.3. A Atriz.....	41
4 - UNA.....	45
5 - Considerações finais.....	87
Referências.....	89

1 - INTRODUÇÃO - Estética e Imaginário do Retrato Fotográfico de Francesca Woodman

A imagem apresenta em si uma dualidade interpretativa, de modo que se relaciona tanto com a linguagem visual objetiva e suas estruturas estéticas, assim como também se relaciona com o pensamento e a imaginação, onde estes lhe atribuirão os significados subjetivos. Segundo Alvarez Ferreira, “[...] a imagem apresenta um duplo aspecto: interior e exterior. A exuberância das formas é determinada pela projeção da imaginação material e dos possíveis “fantasmas” que habitam o mundo do sonhador” (2013, p.96).

Essas duas realidades da imagem não se opõem, mas se complementam como um todo. Assim sendo, faz-se necessário ambas as leituras para uma análise íntegra da imagem.

A imagem fotográfica teve sua influência estética refletida nas Artes Visuais no que diz respeito ao enquadramento, composição, acabamento, perspectiva (CARDOSO, 2004). Também estimulou a apuração visual das pessoas da época – final do século XIX e início do século XX –, que passaram a observar o ambiente e a vida mais detalhadamente, atribuindo novos significados às coisas e acontecimentos cotidianos que antes passavam despercebidos. Cardoso fala que o “[...] início da era fotográfica” foi “[...] talvez o momento de mais profunda transformação do olhar humano de todos os tempos” (2004, p.50).

A fotografia é um artefato que transpassa os séculos e perpetua uma imagem por muito mais tempo que a vida do ser nela retratado. O retrato “[...] surgiu do desejo de fazer reviver os mortos” define Luker (2003, p.600). Kossoy questiona: “[...] não seria esta (a fotografia) uma saída digna para a imortalidade?” (1989, p.74). Neste contexto a Fotografia exerce uma atratividade simbólica para a maioria, quiçá para todos os mortais, assim como também é uma importante ferramenta de perpetuação, construção e legitimação da Imagem.

A imagem da mulher e de seu corpo são, desde muito tempo, representados através de esculturas, pinturas e fotografias. Atualmente sua imagem é constantemente explorada e representada em diversos veículos comunicativos das mais diversas formas e para os mais variados fins. Uma imagem estereotipada e ideológica de seu corpo foi criada e é disseminada pela publicidade para a

população em massa. Seus corpos, desejos e comportamentos são constantemente criticados e julgados. Fatores sociais, culturais, políticos e históricos, fortemente enraizados e alimentados no pensamento coletivo, influenciam na criação e perpetuação da objetificação de seu corpo. No entanto é importante ressaltar a importância transcendental da figura feminina. A mulher, logo também seu corpo, enquanto símbolo, reside de maneira ampla e poderosa no Imaginário do ser humano. Tudo se inicia pela mulher. A vida brota de suas entranhas. Segundo Bachelard, “[...] todas as formas de amor recebem um componente do amor por uma mãe” (2013, p.119), pois é este o primeiro, mais seguro e acolhedor amor que se conhece. Tal a importância da figura da mulher em diferentes culturas, onde há diversas formas de representação e culto ao feminino. Entre elas está a obra de Francesca Woodman que é repleta de expressões, gestos e formas que refletem o culto ao corpo feminino.

A obra de Francesca Woodman é muito pensada e estruturada. Ela não fazia suas fotografias ao acaso, mas estudava e aplicava técnicas artísticas e visuais. É notável em suas fotografias o uso de técnicas gráficas de representação a fim de transmitir e concretizar suas ideias, ou melhor, fotografar o abstrato que reinava em seus pensamentos. Peso, contraste, transparência, textura, equilíbrio, entre outras, são exemplos de técnicas visuais utilizadas e exploradas por Francesca em seus retratos. Sua obra é toda em preto e branco e isso muitas vezes contribuiu na formação de um tom macabro e sombrio que exala tanto de sua obra quanto da própria Francesca. Porém suas fotografias não se resumem a esse tom sombrio. É visível a diversa intensidade que ela imprimiu em seus retratos. São fotografias densas que escondem e revelam ao mesmo tempo, por meio das técnicas que utilizava, através de uma história, de um mito, que reflete sua vida.

A fim de decodificar e compreender os conceitos expressados por essas técnicas será utilizado o livro *Novos Fundamentos do Design* (2008) de Ellen Lupton e Jennifer Cole Phillips, que é referência na área de técnicas visuais.

Os significados de uma fotografia, porém, não se findam em seu grafismo. Para além do jogo de luz e sombra que é o artefato fotográfico, há a essência, a alma da imagem. Esta essência transcende o visual e se entrelaça com o artista, neste caso com a própria Francesca, uma vez que ela mesma fazia seus retratos (fotografando modelos) e autorretratos.

É natural do ser humano buscar dar sentido ao mundo. Para tal é preciso usar

a Imaginação, uma vez que o raciocínio e a razão sozinhos não criam significados, mas apenas analisam os fatos, logo o ser humano atribui significado às coisas naturalmente. Para o homem tudo terá um significado e significar “[...] implica entrar no plano simbólico” (PITTA, 2005, pg. 13). Pitta ainda diz ainda que “[...] o ato de criação (tanto artístico, como o de tornar algo significativo) é o impulso oriundo do ser (individual ou coletivo) completo (corpo, alma, sentimentos, sensibilidades, emoções...), é a raiz de tudo aquilo que, para o homem, existe” (PITTA, 2005, pg. 15). Neste sentido, pode-se entender que o retrato fotográfico está inserido no ato de criação. O ser necessita expressar o seu Imaginário e o ato fotográfico, assim como sua observação, análise e aplicação, é uma das formas de expressá-lo e, ainda, perpetuá-lo.

Para que seja possível um aprofundamento na alma das fotografias de Francesca, entendendo e interligando fatos de sua vida que se refletem e expressam em sua obra, será utilizada a teoria do Imaginário de Gilbert Durand, onde, a partir da Teoria do Imaginário, será possível identificar seus Mitos, Símbolos e Arquétipos.

Nesse sentido, não há uma análise da obra de Francesca Woodman que estude suas fotografias relacionando às perspectivas do Design Gráfico a partir da Teoria do Imaginário, para mostrar que ambas convergem em uma única narrativa e que, por isso, se complementam.

O design, assim como a arte e a fotografia, expressa e comunica a cultura na qual está inserido. O presente trabalho busca compreender as diferentes relações entre cultura, arte, fotografia e design a fim de contribuir, principalmente, para a área do design gráfico, construindo uma narrativa visual coerente que será posteriormente aplicada a um Fotolivro que apresentará toda uma estética visual coesiva com o contexto estudado.

Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é produzir um Fotolivro a partir da análise e discussão da obra da fotógrafa Francesca Woodman segundo a perspectiva do design e do estudo mito-simbólico da Teoria do Imaginário.

Especificamente os objetivos dessa pesquisa são:

- Pesquisa da obra de Francesca Woodman;
- Análise mito-simbólica da obra de Francesca Woodman segundo a perspectiva do

design;

- Produção de um Fotolivro embasado nas referências visuais e simbólicas do universo de Francesca Woodman.

A metodologia adotada nesta discussão é fenomenológica baseada no pensamento de Gaston Bachelard e na Teoria do Imaginário de Gilbert Durand. A teoria do imaginário apresenta cinco estruturas que são de extrema importância à presente pesquisa, são elas: o *schème*, o arquétipo, o símbolo e o mito. Segundo Pitta (2011) o *schème* está principalmente relacionado com os gestos humanos primordiais, o arquétipo é a representação do *schème* no inconsciente humano, o símbolo é a representação de um sentido oculto na imagem e o mito, um sistema dinâmico de todos os itens anteriormente citados e que se apresenta em forma de história legitimada pela cultura. Tendo essa organização em mente, o presente trabalho buscará definir os arquétipos das fotografias de Francesca Woodman. Segundo Barbosa (2015), podemos definir os pensamentos de Bachelard e Durand da seguinte forma, respectivamente:

Imaginário de Gaston Bachelard

- Fenomenologia Poética: O Devaneio, O Sonho, A Imagem, O Mito, A Poesia, são elementos que são necessários para iluminar a imagem a partir dela própria.
- A Imaginação é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade. A Poesia proporciona a aptidão de conhecer, através do Devaneio, certas realidades humanas que escapam aos métodos de conhecimento científico.
- Os Elementos da Natureza são Arquétipos (Fogo, Água, Terra, Ar).

O Imaginário de Gilbert Durand

- Trajeto Antropológico
 - São níveis formativos do símbolo. Trata-se do deslocamento contínuo do símbolo e das raízes inatas da representação (esquemas) do sapiens até as interpelações do meio cósmico (Natureza) e sociocultural. O termo *mythicus* se evidencia no Trajeto Antropológico.
 - A importância do Mito nas Estruturas do Imaginário:
 - A lógica do Mito encontra-se exatamente na sua diferença em relação a lógica do pensamento racionalista clássico (...)» (DURAND, 2010, p. 82).
 - O Mito permite agregar símbolos antagônicos. Sua narrativa metafórica possibilita congregação de constelações simbólicas.
 - Os processos do Mito, onírico ou do sonho, consiste na repetição (sincronicidade) das ligações simbólicas que os compõem (DURAND, 2010, p. 86).
 - O Mito não raciocina nem descreve: ele tenta convencer pela repetição de uma relação ao longo de todas as nuances possíveis.

- Todo o pensamento humano se formula a partir de narrativas (termo *mythicus*).

A produção do Fotolivro se ancora metodologicamente na obra *Novos Fundamentos do Design*, livro onde busquei referências e inspirações para análises relacionadas às linguagens visuais. É nele que encontro base para falar sobre as cores, orientação de leitura, peso e demais elementos pertinentes à interpretação fotográfica do fotolivro *UNA*.

No Capítulo 1 - Mergulhando no Imaginário e Design das Fotografias de Francesca Woodman - abordo os três temas que alimentam este presente trabalho. Primeiramente na parte 1.1 explico o que é a Teoria do Imaginário e sua importância para a análise imagética que faço nas fotografias de Francesca. Na segunda parte 1.2 faço um breve trajeto antropológico da vida de Francesca a fim de identificar e explicar diversas características presentes em seu trabalho e personalidade; é aqui que começamos a mergulhar mais afundo no universo dela. Na terceira parte 1.3 falo sobre a influência do livro *Os Novos Fundamentos do Design* na análise estrutural das fotografias na construção gráfica de suas narrativas.

Em seguida, no Capítulo 2 – Conectando Universos - é onde realizo as análises fotográficas de diferentes fotografias de Francesca, assim como interligo fotografias dela com algumas de minha autoria, algumas estão presentes no fotolivro *UNA*, outras pertencem a ensaios que não entraram para o fotolivro, mas que conversam de alguma maneira com a obra de Francesca e fazem a conexão da minha obra com a dela; foi uma forma que encontrei de me fundir ainda mais com meu objeto de estudo.

O Capítulo 3 - *UNA* - é onde explico a parte projetual deste trabalho. Lá falo de cada página do fotolivro, o processo de construção, os *porquês*, mensagens e conceitos que busquei transmitir através de imagens e escritos.

2 - Mergulhando no Imaginário e Design das Fotografias de Francesca Woodman

2.1 A Teoria do Imaginário

“O imaginário [...] pode ser Como essência do espírito, à medida que o ato de criação [...], é o impulso oriundo do ser [...] completo, é a raiz de tudo aquilo que, para o homem, existe” (PITTA, 2005, p. 15). Pode-se entender por Imaginário um fenômeno *biopsicossocial* que permite e tenta explicar a cultura a partir de uma perspectiva interdisciplinar, considerando a imaginação simbólica, e a vida por meio do devaneio.

Nesse sentido, o devaneio, o sonho, é livre para enveredar-se, deliciar-se, num limbo maravilhoso de fantasias que fogem à consciência racional humana, sem com isso, sendo de suma importância entender tal consequência, perder seu valor fundamental que é o de explicar a vida de maneira metafórica. Por conta de preconceitos baseados no pensamento filosófico científico positivista e objetivista, o Imaginário precisou ser esmiuçado, invadido, estruturado e, portanto, racionalizado para galgar respeito no meio acadêmico. É como a medicina indígena, por exemplo, que usa de meios naturais e/ou religiosos para curar as enfermidades de seus indivíduos, mas que até os dias atuais sofre preconceito e, por consequência, desvalorização por não se enquadrar nas regras e leis científicas.

É importante também entender que a ciência – entenda-se aqui por ciência, as ciências ditas duras, como a física por exemplo – propriamente dita, não é um fenômeno separado do indivíduo, mas está nele, e é ele também, assim como a natureza, pois o ser humano nada mais é do que parte da natureza. A matemática, por exemplo, é uma das mais maravilhosas formas de pensamento abstrato exercidas pelo ser humano. Sem abstração não há matemática. A abstração também pode ser apreciada na arte. É a arte de pensar por metáforas. Segundo o Dicionário Etimológico “(...) a palavra matemática deriva da palavra grega "mathemata"; "mathema" = compreensão, explicação, ciência, conhecimento, aprendizagem; "thike" = arte. Portanto, a matemática é a arte ou técnica de explicar, de conhecer, de entender os números e as formas geométricas”. A arte e a

matemática correlacionam-se há tempos, apesar da constante hierarquização definida pelos estudiosos objetivistas. São áreas que se complementam e que não precisam, mas que, por causa do pensamento objetivista, foram formalmente forçadas a se opor.

Tal qual a arte, para o atual pensamento filosófico objetivista, se opõe, nesse contexto, à matemática e vice-versa, o Imaginário ainda hoje sofre preconceito e desvalorização em frente às chamadas ciências duras. A hierarquização proporcionada pelas ciências rebaixa o sonho, o devaneio, em prol das *cruas e meias certezas* do pensamento racional. *Meia certeza*, pois nada é *sim* ou *não*, *preto* ou *branco*, *certo* ou *errado* em sua profundidade. O que a ciência e a academia explicam não está errado, obviamente que não, mas não é a verdade absoluta, a completude, o todo; ela só explica os fenômenos sob um determinado ponto de vista em detrimento de outro. O ponto necessário a se entender é que tanto o pensamento racional e lógico quanto o irracional e ilógico são igualmente necessários e importantes para que o ser humano consiga, ou ao menos, tente entender e, quiçá, explicar a vida em todo seu sentido.

Em tal contexto encontrava-se o pensador Gilbert Durand (1921-2012), filósofo francês, autor d'*As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Durand foi o pensador que provou, dentro das exigências científicas, a importância do Imaginário. Não que o Imaginário de Bachelard¹ necessitasse ser cientificamente provado, mas para que fosse compreendido e conscientemente exercido, além de sua validação científica, realizada por intermédio de G. Durand, foi extremamente importante. Durand contestou diversos pensadores e cientistas respeitados em sua época, 1967, e assim conseguiu consolidar o estudo do Imaginário enquanto conhecimento científico.

As Estruturas Antropológicas do Imaginário de Gilbert Durand apresentam a definição de quatro termos que são os pilares do imaginário humano, são eles: os *schèmes*, os arquétipos, os símbolos e os mitos. PITTA (2005) define tais termos da seguinte forma conforme tabela abaixo:

¹ Gaston Bachelard (1884-1962) foi um epistemólogo, filósofo e poeta francês. Pai da Teoria do Imaginário. N.A.

Schème	<p>“É anterior à imagem, corresponde a uma tendência geral dos gestos, leva em conta as emoções e as afeições. Ele faz a junção entre os gestos inconscientes e as representações.</p> <p>Exemplos: à verticalidade da postura humana, correspondem dois Schèmes: o da subida e o da divisão (visual ou manual); ao gesto engolir, correspondem os Schèmes da descida (percurso interior dos alimentos) e do aconchego na intimidade (o primeiro alimento do homem sendo o leite, a amamentação)”.</p>
Arquétipo	<p>“Representação dos Schèmes. Imagem primeira de caráter coletivo e inato; é o estado preliminar, zona onde nasce a ideia (Jung). Ele constitui o ponto de junção entre o imaginário e os processos racionais.</p> <p>Exemplos: o Schème da subida vai ser representado pelos arquétipos do chefe, do alto; o Schème do aconchego, pelos da mãe, do colo, do alimento”.</p>
Símbolo	<p>“É todo signo concreto evocando, por uma relação natural, algo ausente ou impossível de ser percebido. É uma representação que faz “aparecer” um sentido secreto. Os símbolos são visíveis nos rituais, nos mitos, na literatura, nas artes plásticas, etc”.</p>
Mito	<p>“É um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e Schèmes que tende a se compor em relato, ou seja, que se representa sob forma de história. Por esse motivo, já apresenta um início de racionalização. O Mito é um <i>relato</i></p>

	<p><i>fundante</i> da cultura: ele vai estabelecer as funções entre as diversas partes do universo, entre os homens e o universo, entre os homens entre si. Por sua construção, próxima da composição musical que comporta refrãos, repetições, o mito tem sempre uma dimensão pedagógica. É ainda função do Mito fornecer modelos de comportamento, ou seja, permitir a construção individual e coletiva da identidade. É assim que uma filha de Maria e uma filha de Iemanjá não terão nem a mesma visão de mundo nem o mesmo comportamento. As duas, entretanto, participarão da imagem arquetípica da Grande Mãe”.</p>
--	--

(Tabela 1. PITTA, Danielle Perin Rocha. *Iniciação à Teoria do Imaginário de Gilbert Durand*. Págs. 18 e 19).

É também apresentado os dois Regimes que regem o Imaginário humano, assim como pensamento, logo, o comportamento das culturas, são eles: o Regime Diurno e o Noturno. Cada um dos regimes comporta determinadas características que predomina, mas que nem por isso excluem as características predominantes no outro regime em relação a um dado sistema simbólico. Sendo assim uma cultura predominantemente diurna, por exemplo, terá também características noturnas. Para melhor compreensão se faz necessário descrever mais afundo tais características de cada um dos regimes. Pitta (2005) define tais termos da seguinte maneira, conforme tabela abaixo:

<p>“Ligado à verticalidade do ser humano, este regime é o das “matérias luminosas, visuais e das técnicas de separação e de purificação, das quais as</p>	<p>Opõe-se ao regime diurno que está “preocupado em dividir e reinar, o regime noturno vai se empenhar em fundir e harmonizar. Fará isso de duas</p>
---	--

<p>armas (flecha ou gládio) são símbolos frequentes”. Trata-se aqui de dividir, de separar e de lutar.</p> <p>Neste ponto, os símbolos constelam em torno da noção de potência”: as armas são os arquétipos correspondentes, a espada e o gládio os símbolos culturalmente determinados”.</p>	<p>maneiras distintas, que correspondem a duas estruturas do imaginário: a mística e a sintética. Neste regime, a queda heroica é transformada em descida e abismo em taça. Não se trata mais da ascensão em busca do poder, mas da descida interior em busca do conhecimento”.</p>
---	---

(Tabela 2. PITTA, Danielle Perin Rocha. *Iniciação à Teoria do Imaginário de Gilbert Durand*. Págs. 26 e 29).

É de extrema importância notar que apesar de se oporem, os Regimes Diurno e Noturno estão presentes, em proporções diferentes, em todas as culturas assim como em seus artefatos. Sendo assim, a obra de Francesca Woodman, conforme o decorrer do estudo, irá tender mais para um determinado regime sem, por isso, excluir o outro. Ambos estão presentes, mesmo que um se expresse mais que o outro.

Como pôde-se perceber, o Imaginário considera tanto fenômenos naturais quanto os estudos culturais, pois ambos estão interligados. A cultura envolve costumes, línguas, pensamentos, etc. Dentro deste emaranhado de correlações, encontram-se as pessoas, coletivos, indivíduos, e dentre tantos bilhões, trilhões de indivíduos que existem e que já existiram, O presente trabalho buscará compreender mais a fundo, através da análise mito-simbólica, identificar os arquétipos com maior recorrência no imaginário da fotógrafa Francesca Woodman por meio de seu mais expressivo e rico relato material deixado em vida: suas fotografias. Para tal, será necessário realizar o trajeto antropológico de Francesca, com intuito de melhor compreender seu contexto social, pois é a partir dele que foram modelados e emergem seus arquétipos e símbolos.

2.2. Francesca Woodman

Preto, branco, camuflado, nu, reflexo, água, profundidade.... Eis algumas das mais marcantes características das fotografias de Francesca Woodman.

A casa dos Woodman's sempre foi muito ativa artisticamente. A mãe Betty é uma renomada ceramista e artista plástica, o pai um fotógrafo que presenteou Francesca com sua primeira câmera aos 13 anos, fato que estimulou a mente criativa de Francesca que não parou mais de fotografar, se destacando sempre com suas fotografias cheias de personalidade e profundidade. O irmão Charles também seguiu carreira artística. Os pais foram sem dúvida de grande influência na carreira de Francesca. Assim como ela, que provavelmente herdou essa característica deles, sempre encararam a Arte como um trabalho, não como uma brincadeira aleatória e sem sentido. Esse olhar crítico e artístico não se resume apenas às fotografias que Francesca criou, mas em sua própria vida, como pode ser observado em seus registros escritos de seu diário pessoal. Nele, Francesca relata pensamentos extremamente íntimos e profundos em relação à sua família, amigos, amores e, principalmente, sobre ela própria. Francesca claramente tinha um olhar melancólico e dramático sobre a vida e as pessoas.

Para além dos registros pessoais, Francesca Woodman também se utilizou da gramática para enriquecer ainda mais algumas de suas fotografias, onde escreveu frases que realçaram o sentido que pretendia transmitir, assim como rabiscos de desenhos geométricos os quais se utilizava como base para experimentos fotográficos, planejamento de enquadramentos, pesos e contrastes visuais. Definitivamente ela não encarava a fotografia como um simples hobby, muito pelo contrário, seus estudos fotográficos e sua apurada linguagem visual eram constantemente estimulados e aperfeiçoados. Tudo tem um sentido, nada está aqui ou ali por acaso, tudo constrói um discurso, uma ideia, uma história e o Design foi, sem dúvida, uma ferramenta visual usada por Francesca para atingir seus objetivos visuais em suas fotografias.

Em relato ao documentário *The Woodman's*, George Woodman, pai de Francesca, fala que quando Francesca era pequena e eles visitavam museus, deixavam um caderno com a filha e o filho para que assim ele e sua esposa Betty, mãe de Francesca, pudessem ver as obras do museu sem a presença dos filhos. George diz que Francesca adorava desenhar as imagens que via “[...] ou copiar imagens de mulheres usando lindos vestidos. Ela produziu muitos desenhos de jovens em vestidos bem elaborados”. É, pois, mais um lado artístico de Francesca que estava sendo estimulado, além do tátil, através das obras cerâmicas da mãe,

agora a linguagem bidimensional e um interesse pela moda. Há de se perceber a importância de tal experiência para a vida de Francesca. O contexto artístico em que cresceu enriqueceu claramente a linguagem visual de Francesca desde muito nova. Os pais de Francesca encaravam a arte como um trabalho ao mesmo tempo que também respiravam, viviam arte, era uma atividade criativa e séria ao mesmo tempo, não apenas um hobby para os momentos de lazer. Betty, sua mãe, diz que Francesca transmitiu isso para seu trabalho. George define bem a relação dos Woodman's com a arte quando diz que a arte “[...] não é brincadeira. Nada de *hobbies* de domingo etc. Você faz arte”.

A arte estava presente no cotidiano da família Woodman. Charles relata que quando ele e Francesca eram crianças a mãe trabalhava em seu estúdio que ficava localizado numa extensão da casa deles, eles tinham como rotina ir ao estúdio de Betty. As refeições da família eram feitas nos pratos cerâmicos de Betty. Por toda a casa estavam quadros pintados pelo pai. Então esse contato com a arte era, de fato, rotineiro. Em relato a mãe fala que os filhos cresceram com medo de quebrar um vaso dela, eles cresceram dando à arte sua devida importância.

Apesar de todo esse ambiente familiar aparentemente feliz e equilibrado, é visível que Francesca, conforme crescia, queria se distanciar da família, mais especificamente de sua mãe. É muito comum, psicologicamente falando, filhas e filhos terem esse tipo de atitude em relação aos pais. Betty diz que certa vez um colega de escola interrogou Francesca perguntando se ela seria oleira como a mãe quando crescesse, ao que Francesca respondeu “[...] você não acha que uma já é suficiente na família?”. Em seu diário Francesca escreveu “[...] sou muito feminina no estilo rosa e rendado, não sei de onde veio isso já que minha mãe não é assim e nem encorajou tal atitude”, existe nisto um jogo em que ela se vê refletida na mãe ao mesmo tempo que se opõe à mesma.

Quando Francesca foi para o colégio interno, seu pai a deu de presente uma câmera fotográfica e algumas aulas de fotografia. Ele diz que no final daquele ano ela estava muito empolgada para fotografar, o que demonstra que Francesca passara a encarar a Fotografia como parte de sua vida. Francesca se envolvia totalmente com sua obra. Embora respirassem arte em suas vidas, George e Betty Woodman demonstram uma visão de certa forma limitada no que se refere à interpretação da arte. Eles veem a arte de forma que não envolvem o artista na

significação da obra, eles veem a obra e a avaliam enquanto obra em si, não levando em consideração o contexto do artista, mas apenas o que a obra em si transmite, o que é deveras incoerente haja vista tamanho envolvimento que ambos investiam em suas obras. Segundo a Teoria do Imaginário, o artista está envolvido na obra e sua personalidade, experiências e vivências estão ali refletidos em sua criação. O artista tem fundamental importância no resultado final da arte. Francesca se envolvia com suas fotografias. É visível a felicidade de Francesca vista numa gravação de um *making off* de uma fotografia onde ela constrói todo um cenário para a foto, analisa o resultado, onde a fotografia é um processo técnico, mas que envolve sentimentos, cria uma relação dela com sua criação.

É interessantíssimo como em seu diário Francesca relata fatos de sua vida em que é visível, de notável um discurso melancólico, sem esperança e triste. Tais sentimentos são transmitidos em suas fotos que são tão densas, profundas e mortais.

A obra de Francesca Woodman vai muito além de sua trágica morte. Fato este que sem dúvida ajudou, de alguma maneira, a tornar a jovem fotógrafa suicida conhecida. Mas Francesca está longe de ser uma “celebridade” sem conteúdo cujo trabalho se sustenta em sua fama, muito pelo contrário, suas fotografias chocam, emocionam e até amedrontam pessoas de todas as partes do mundo até os dias de hoje, pois é uma obra realmente linda que mostra de maneira sutil um desesperado pedido de socorro da jovem fotógrafa Francesca Woodman.

2.3. Novos Fundamentos do Design

O uso de técnicas visuais para transmitir uma ideia não é, obviamente, uma exclusividade de Francesca Woodman. Assim como ela, qualquer fotógrafo que queira transmitir uma ideia e um conceito em sua obra fotográfica, precisará ter conhecimento das técnicas, equipamentos, além de desenvolver sua inteligência visual para que assim seja possível construir uma imagem que se opõe ao acaso, definindo, nitidamente, qual ideia, conceito, se quer transmitir.

Quando se fala em técnicas visuais é praticamente impossível não se pensar no design que é uma das principais ferramentas utilizadas para concretizar ideias e

conceitos. Desde uma linha, até um emaranhado gráfico de informações, o design é quem harmoniza tudo dentro de um determinado espaço. Podendo apresentar várias utilidades, o design ainda nos dias atuais não apresenta uma definição fixa, mas sim várias definições que adaptam o design segundo o contexto em que o mesmo está inserido. Para o presente trabalho buscar-se-á interpretar o design em sua forma mais concreta e objetiva, buscando-se entender a função de cada elemento visual, seja ela material, como objetos e roupas, ou mais conceituais imaterial, como luz e sombra, contrastes e texturas, a fim de compreender as técnicas utilizadas por Francesca Woodman e, conseqüentemente, o porquê das estruturas gráficas de cada fotografia.

Design e função, uma das relações mais antigas e estudadas na área. De fato, o design não se resume apenas à uma determinada função, mas a ela também. No livro *Novos Fundamentos do Design* (2008) as *designers* Ellen Lupton e Jennifer Cole Phillips buscam atualizar os principais fundamentos do design por meio de experimentos feitos por seus alunos. Elas abordam o design sob a perspectiva da Bauhaus que interpretava essa atividade segundo a relação forma x função. Elas fizeram uma análise visual e funcional das estruturas gráficas e conseguiram definir de maneira simples e clara, ao longo dos capítulos, os elementos tais como o que é *Ponto, Linha e Plano, Ritmo e Equilíbrio, Escala, Textura, Cor, Figura e Fundo, Enquadramento, Hierarquia, Camadas, Transparência, Modularidade, Grid, Padronagem, Diagrama, Tempo e Movimento e Regras e Acasos*. É sob essa perspectiva do design gráfico que será analisado todo elemento gráfico na fotografia de Francesca, onde será tecnicamente analisada, desde formas simples como uma linha ou um retângulo formado por uma porta, por exemplo, até texturas, reflexos, sombras e luzes. Será estipulado o seguinte paradigma: tudo tem uma função visual, independentemente desta função desencadear outras interpretações ou apenas compor esteticamente o peso dos elementos na fotografia de Francesca.

3 - Conectando Universos



FIGURA 1: Autorretrato#01. Ensaio: Uma cadeira. Fotografia tirada em 22.08.2016. Acervo pessoal.

A intimidade compartilhada se camufla entre pelos e peles. A intimidade cinematográfica é possível senão entre a câmera e o objeto; em reflexo oposto o objeto a ser observado esconde sua verdadeira face onde lente nenhuma jamais esteve. Apenas espelha.

Inspirada por uma enigmática fotografia (ver abaixo figura 2) que Francesca criou na qual ela estava nua, sentada em uma cadeira e na qual onde se vê uma silhueta no chão, decidi fazer o ensaio *Uma Cadeira*. O que mais me atraiu foi o contexto explorado por ela: um quarto, alguns elementos, entre eles a cadeira e a própria fotógrafa. Pensei em como teria sido o processo de criação daquela imagem e admirei a criatividade e intensidade envolvida. Foi um dos poucos ensaios que não foram pensados para o Laboratório de Fotografia do Agreste – FotoLab, mas principalmente inspirado por uma única fotografia que tocou e despertou meu interesse em explorar minhas próprias sensações e sentimentos de forma fotográfica.



FIGURA 2. *Providence* (1976). Autorretrato de Francesca Woodman. Fonte: <http://www.fluid-radio.co.uk/2013/05/in-memory-of-francesca-woodman/providence-rhode-island-1976-1976-by-francesca-woodman-1958-1981/> Acesso em 14/06/2017.

Análise gráfica FIGURA 2: Leitura diagonal diretamente relacionada a um desenho feito a partir do corpo da própria Francesca levando nosso olhar à seus pés calçados e então seguimos verticalmente por seu corpo até seu denso olhar para depois observarmos o contexto em que se situa a cena, sendo o caminho inverso totalmente possível a depender do observador que poderia iniciar sua leitura a partir do centro pelos seus peitos, descer seu corpo, seguir o desenho no chão e só depois reparar nos olhos da fotógrafa. O desenho nesta imagem é o elemento gráfico que mais chamou minha atenção, é uma textura visual e podemos interpretá-la como sendo seu lado sombra, a alma obscura de Francesca, ofuscada por sua carne, mas com sua presença representada pelos sapatos que a fotógrafa calça, os quais faltam à bailarina no chão assim como a sombra que pesa em seu olhar. “A textura é o grão tátil das superfícies e substâncias. As texturas em nosso meio

ambiente ajudam a entender a natureza das coisas: as roseiras têm espinhos afiados para proteger suas flores delicadas” (LUPTON, PHILLIPS, 2008, p.53).

Para muitas pessoas, nesta fotografia acima, Francesca se resume a peitos. Algumas vezes uma obra tem seu brilho ofuscado por mentes ignorantes. Em reflexo contrário, há aqueles que falam desta mesma fotografia sem uma única vez, citar tais pudores sexuais em público. Então, como falar desta fotografia, e de tantos outros nus de Woodman, falando dos peitos, mas sem resumir essa imagem eles? De maneira poética, como nos diz G. Bachelard, se é possível “*com versar*”, então que seja esse o nosso ritmo de análise e que ele consiga nos poetizar.

Uma escrita poética vou começar
 E a todos no mundo comunicar
 Que nem sempre o que parece é
 E também não é sempre que se entende uma mulher
 De mistérios embalsamada
 E de tão espessa alma
 Densa tal qual a água
 Quase que impossível de decifrar
 Mas não se deixe enganar
 Seus olhos fundos sempre podem lhe conquistar.

A mulher da alma d'água - Rayssa Martins

Gaston Bachelard em *A Água e os Sonhos* (1997), reflete sobre a água densa, misteriosa, escura; Francesca Woodman. Inconsciente.

E como nasci? Por um quase. Podia ser outra. Podia ser um homem. Felizmente nasci mulher. E vaidosa. Prefiro que saia um bom retrato meu no jornal do que os elogios. Tenho várias caras. Uma é quase bonita, outra é quase feia. Sou um o quê? Um quase tudo (LISPECTOR, 1920-1977).

Mulheres não são iguais a homens. Somos diferentes, é fato. A palavra Sexo vem “Do L. SEXUS, “gênero, estado de ser macho ou fêmea”, relacionado a SECARE,

“dividir, cortar”, pois ele define a raça humana em duas partes”. Como podemos observar é aqui que se inicia a divisão das coisas em nosso imaginário. Desde que nascemos estamos divididos em no mínimo dois. O *Eu* divide-se, mas seu significado universal é Um. A ideia do *Eu* nunca é dois, sempre um, Uno.

3.1 - Espelhos



FIGURA 3: *Self-Deceit*, Francesca Woodman, (1978) Fonte: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/22/cultura/1453475483_302876.html Acesso em 14/06/2017.

Análise gráfica FIGURA 3: Aqui temos duas sombras intensas nas extremidades inicial (esquerda superior) e final (direita inferior) e uma luz iluminando a cena nas diagonais opostas e jogando nossa atenção no rosto da mulher enquadrado no espelho. “O enquadramento cria as condições para compreender uma imagem ou um objeto. O filósofo Jacques Derrida definiu o enquadramento como sendo uma estrutura ao mesmo tempo presente e ausente.” (LUPTON, PHILLIPS, 2008, p.101).

Como uma felina selvagem que foi domesticada tal qual Sansão pelos cabelos, caminha e compartilha sua imagem refletida no espelho; ela se reflete, mas

não se olha. Olhos fechados trancam a alma dentro de si. Saindo da gruta escura para a luz do reflexo impenetrável do espelho de vidro, demasiado geométrico para a mais profunda contemplação, tal qual Narciso. É animalesca aos mesmo tempo em que é humana, ser consciente e inconsciente. Está no chão, áspero, duro, seco, real. Um contraste entre a criação interpretada e seu tão questionado mundo real.

Entre *texturas*, luzes, sombras e corpos, Francesca brinca de ser bicho que se contempla sem se contemplar, pois mantém seus olhos fechado para o geométrico espelho e a lente da câmera. Sua alma se reveste de ainda mais mistério, enquanto seu corpo sente e explora toda a cena experimentada. Um jogo de luz e sombra lhe pinta o corpo tão feminino e delicado quanto suas tranças. É um ser que sai de uma escuridão, encontra a luz que faz revelar o reflexo no centro da imagem e se finda em outra sombra após. É uma caminhada, tal qual a vida, feita de sombras, luz e mundos múltiplos, infinitos.



FIGURA 4: Autorretrato #02, Ensaio: *O Duplo*. Fotografia tirada em 07.05.2016. Acervo pessoal.

No ensaio *O Duplo*, produzido para o Laboratório de Fotografia do Agreste - FotoLab, baseado em um capítulo d' *O Livro dos Seres Imaginários* (2007) de Jorge Luís Borges (1899-1989), assim como também influenciado pela minha pesquisa sobre as fotografias de Francesca Woodman, há a reflexão entre dois mundos: um Negro e um Iluminado. Não se trata, necessariamente do Bem e do Mal, mas dos opostos e do autoconhecimento. O *Ser*, primeiro rejeita o espelho para só depois ter a coragem de confrontar seu outro lado e se perceber inteiro mesmo sendo constituído por metades, duplos opostos.

Ao encarar seu reflexo no espelho, descobre seu oposto tão contemplador quanto contemplado, tão ação quanto reação, tão *Outro* quanto *Eu*. O espelho se revela uma extensão de seu próprio corpo, abrindo assim infinitas possibilidades de caminhos, pensamentos e questionamentos.

Preto e branco, claro e escuro, duas metades de um todo. O Duplo vem nos mostrar que não há uma verdade absoluta, mas sim interpretações distintas para elementos distintos. Ao mesmo tempo se observa com sensibilidade aquilo que ultrapassa a matéria e a transcende.

Este foi um dos ensaios fotográficos que fiz para o Fotolivro UNA que é parte projetual deste trabalho acadêmico. Para realizar este ensaio, assim como os demais, pensei não somente na estética que comporia a narrativa, mas também me dediquei intensamente em envolver meus sentimentos mais intensos em cada ensaio, pois só assim conseguiria criar uma dimensão/conexão sentimental com o aquilo que transcende a composição técnica fotográfica e tentar, assim, me aproximar do trabalho de Francesca que também é deveras sentimental e comunica algo que pertence somente ao íntimo dela ao mesmo tempo que se conecta com o que transcende e toca o observador.

Deste modo, todos os ensaios que fiz foram fortemente influenciados pelo meu envolvimento não apenas com as fotografias de Francesca, como também pela sua forma sentimentalmente intensa de criar e expressar sua arte.



FIGURA 5: Autorretrato #03, Ensaio: *O Duplo*. Fotografia tirada em 07.05.2016. Acervo pessoal.



FIGURA 6: Autorretrato #04, Ensaio: *O Duplo*. Fotografia tirada em 07.05.2016. Acervo pessoal.

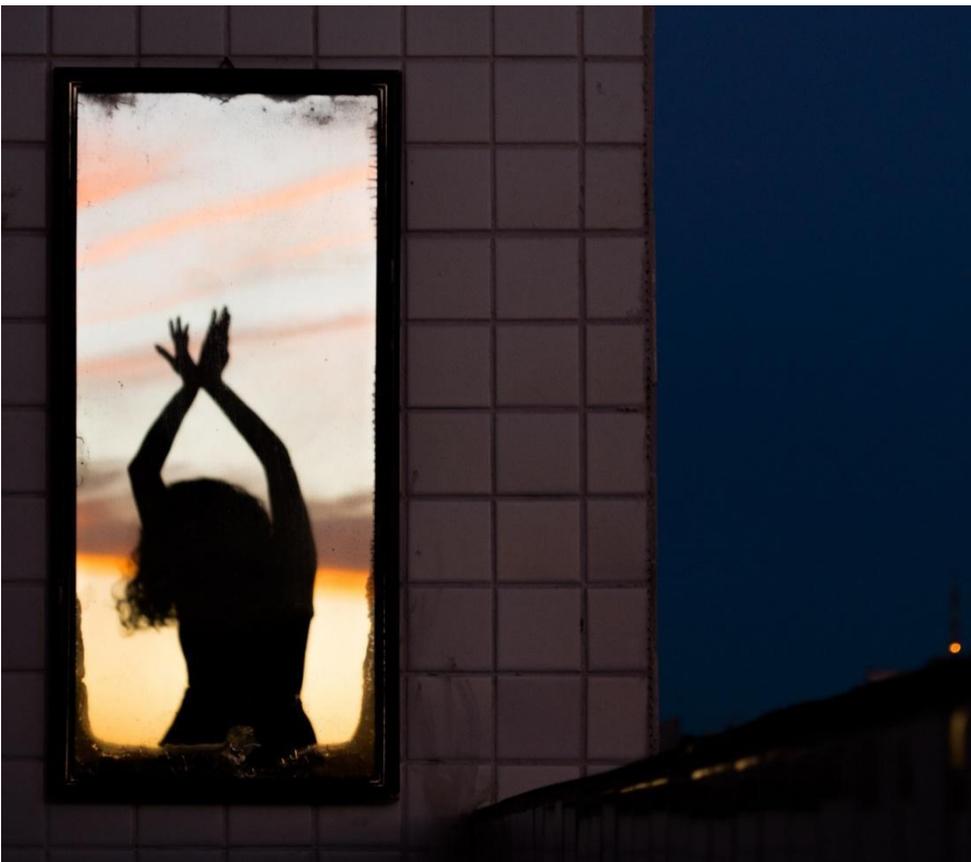


FIGURA 7: Autorretrato#05. Ensaio: *Animais dos Espelhos*. Fotografia tirada em 01.06.2016 às 17h45. Acervo pessoal.

Água e Ar se entrelaçam, se dançam simultaneamente num mesmo espaço.

Escorpião e Libra convivem numa só alma e emanam energias místicas para o universo na mesma proporção que as absorvem.

O espelho estático geométrico é um portal para um dos mundos infinitos que compõem o Todo.

‘Do outro lado a vida realista disfarça e abafa sua magia inerente entre alucinações, loucuras e deficiências mal interpretadas.

Está tudo aqui, basta olhar o horizonte refletido no espelho do arco-íris infinito. E ao acessar o pote de diamantes permita-se sonhar. Abram seus olhos e vejam o que se põe além.



FIGURA 8: *Sem título*, 1976, Francesca Woodman. Fonte: <https://hyperallergic.com/151087/a-formal-take-on-francesca-woodman/> Acesso em 14/06/2017,

Análise gráfica FIGURA 8: “Os limites estão em toda parte. Uma moldura diferencia um trabalho artístico de seu entorno, chamando atenção para si e destacando-o de seu ambiente.” (LUPTON, PHILLIPS, 2008, p.101). Aqui a moldura enquadra tanto interno quanto externo, nos fazendo questionar o que é o que e quem é quem.

Não é possível penetrar materialmente em um espelho geométrico; apenas os espelhos das águas permitem tal façanha. Há o toque, o reflexo e a profundidade, contudo, se trata de um portal contemplativo, impõe limites ao observador, e, ao mesmo tempo, a fuga e a prisão. Uma janela trancada, impossível de ser transpassada pela carne humana; os espíritos, entretanto, circulam por entre variados mundos.

O desespero que atormenta as almas questionadoras se expande até não caber mais num corpo material. Torna-se um corpo que transcende e almeja experimentar uma nova forma de ser e estar. Por isso precisa desesperadamente ultrapassar a barreira do espelho. A realidade mental lhe oprime e limita, é preciso haver outra opção, uma saída qualquer. A fuga é necessária e se faz urgente, pois lhe falta ar neste plano; lhe falta ar para aliviar o denso peso da água espessa e escura em que repousa sua alma.



Figura 9: *Sem Título*, 1975–1978, Francesca Woodman. Fonte: <http://www.artnet.com/galleries/galerie-clara-maria-sels/artist-francesca-woodman/> Acesso em 14/062017.

Análise gráfica FIGURA 9: Aqui vemos um rosto sobreposto a outro. Temos uma leitura vertical da mulher que está em pé e diagonal da que está no chão. Uma em cima e a outra em baixo. De maneira similar o rosto que está em cima o vemos

invertido para baixo enquanto o que está em baixo o vemos para cima. “As camadas (...) são componentes simultâneos e sobrepostos de uma imagem ou sequência.” (LUPTON, PHILLIPS, 2008, p.127).

Vida e morte se unem. A água do mar traz consigo conchas férteis que se abrem e perdem suas pérolas, tal qual flores despetaladas. A morte da pureza, a concha violada, a flor que morre. O espelho da morte nos revela sua face, que se apropria de outras faces para poder caminhar livre, por certo tempo, na vida. A virgem que morre plácida com lânguida face, repousa tranquila nos braços infinitos de lemanjá. A mulher surge então das espumas das águas, fértil, borbulhante e vívida. Morre a menina para que possa surgir a Deusa. O claro, intocado, ingênuo e inocente se transforma num preto poderoso, consciente e sábio. O fruto proibido reveste mais uma alma com seus saberes do bem e do mal.

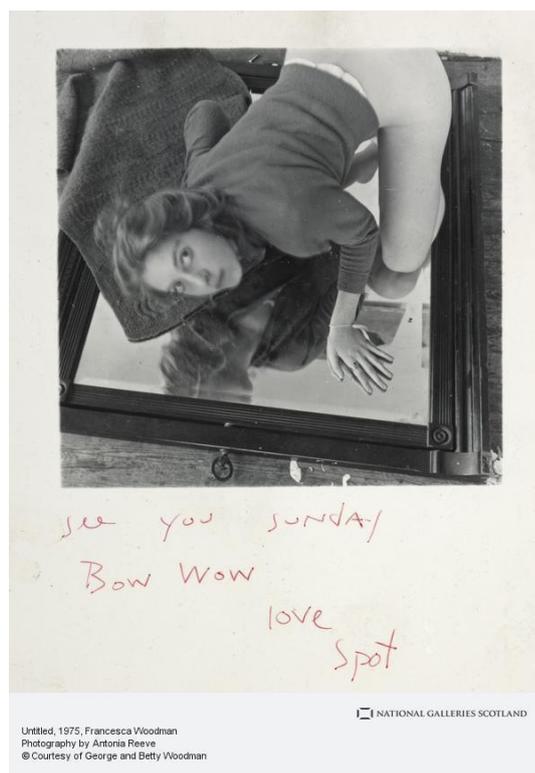


FIGURA 10: *Sem Título*, Francesca Woodman, 1975. Fonte: <https://www.nationalgalleries.org/art-and-artists/features/francesca-woodman> Acesso em 14/06/2017.

Análise gráfica FIGURA 10: “Cada vez que tira uma foto com uma câmera, você faz um recorte. Contrariamente, o olho encontra-se em constante movimento, focando o tempo todo diversos estímulos do ambiente.” (LUPTON, PHILLIPS, 2008, p.102).

Aqui observamos, além do enquadramento feito pela câmera, um texto escrito à mão que confere intimidade à fotografia em questão.

Aqui o espelho já não é espelho, é concha fértil que reflete, pois, banhada pelas águas do mar, o gozo do relaxamento previsível. Enquanto o paralelo, o duplo, toma para si a face reversa da mesma alma, para trilhar livre seu caminho de duas verdades. O Uno torna-se então completo pois duplo; a mulher torna-se completa, goza de saberes secretos, condenadores e empoderadores. Para onde olha os olhos ocultos da moça que habita o outro lado do espelho? O que faz quando não reflete? Para onde vai, como vive, o que quer? A outra, o outro, dentro e fora, nada disso existe senão em nossas mentes. O espelho objeto que limita e aprisiona é o mesmo que nos desperta sonhos e fantasias cotidianas; é findável, se quebra facilmente tal qual o ser. O espelho das águas, em sua profundidade penetrável, nos oferece um mundo infinito e acessível. Há que se lembrar, porém, que o preço a se pagar não permite de forma alguma a existência daquelas outras e outros; tudo se unifica, tudo é vida, tudo é morte. Infinito e Uno.

3.2 – Feminismo



FIGURA 11: *Sem Título*, Francesca Woodman. Fonte: <https://www.boumbang.com/francesca-woodman/> Acesso em 14/06/2017.

Análise gráfica FIGURA 11: Um elemento (máscara) se mostra mais importante que outro. “Expressar uma ordem é tarefa primordial do designer. A hierarquia visual controla a transmissão e o impacto da mensagem.” (LUPTON, PHILLIPS, 2008, p.115).

Feminismo. Tema bastante abordado nas fotografias de Francesca e um dos principais motivos que me atraíram e me fizeram escolher sua obra como principal tema deste trabalho. Constantemente sem membros e cabeça, transfere o foco totalmente para o corpo feminino. Pelos, peitos, curvas, pele e elementos externos dão o tom da história. Em todos os corpos há pelos, por que então os pelos femininos ainda hoje são tão rejeitados? Como forma de expressão mulheres de diversas culturas exibem pelos livremente em contraste às regras estéticas impostas e legitimadas pela mídia. As texturas se fazem presentes como de costume, assim como a cadeira, objeto deveras comum e igualmente bastante utilizado nas composições fotográficas de Francesca.

A mulher que se senta nua, abre-se, mostra-se, seduz ao mesmo tempo que se esconde e repele as mentes limitadas e machistas, presas em invisíveis correntes

estéticas que não mais prendem a mulher e passam, pois, a controlar o desejo e admiração masculina num jogo de sedução, contestação e liberdade. A cabeça entre as pernas, situação geralmente associada aos homens, aqui abordada por uma composição fotográfica, oculta o segredo ao mesmo tempo que sugere uma retirada para assim surgir a revelação completa do sexo feminino; ou estaria este protegido por entre as folhagens cultivadas? E qual seria a verdadeira face da mulher que nos seduz e questiona? Por que está desmembrada? Se resumiria apenas a certas partes de seu corpo? O que é a Mulher?



FIGURA 12: *Sem Título.* Francesca Woodman. Fonte: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/22/cultura/1453475483_302876.html Acesso em 14/06/2017.

Análise gráfica FIGURA 12: Um elemento se mostra por trás do outro. “Detalhes de superfícies podem ter características harmônicas ou contrastantes produzindo efeitos visuais distintos. Algumas texturas (...) têm contraste baixo e um grão fino delicado.” (LUPTON, PHILLIPS, 2008, p.62). Aqui podemos observar, além de transparência, um reflexo de uma luz no vidro. Aqui observamos uma leitura inicialmente central.

Sem dúvida, a mulher é, como o homem, um ser humano. Mas tal afirmação é abstrata; o fato é que todo ser humano concreto sempre se situa de um modo singular. Recusar as noções de eterno feminino, alma negra, caráter judeu, não é negar que haja hoje judeus, negros e mulheres; a negação não representa para os interessados uma libertação, e sim uma fuga inautêntica (Beauvoir, 1947, P.8).

Mesmo frágil e facilmente violável, ainda assim, é uma barreira e uma arma. O exibicionismo atrai ao mesmo tempo que seus longos cabelos, outrora sedutores, escondem elementos cruciais. O corpo é explorado e exibido ao mesmo tempo que conservado e escondido; o ventre exhibe um orifício impenetrável pelo desejo.

Mesmo explorada por séculos, a mulher e seu corpo nunca se resumiram e/ou se fizeram única e exclusivamente para saciar os impulsos de outrem. Embora alguns possam argumentar que seus seios são atrativos que almejam despertar o desejo, esquecem-se que são os mesmos que também alimentam a humanidade. A vagina é um universo por muitos desconhecida, muitas vezes resumida ao coito e ao parto, porém, guarda tanta energia contida que em um orgasmo pode libertar e aprisionar almas, pensamentos e domar o mais rebelde dos corações, se assim desejar, pois por ela e nela são produzidas a vida e a morte.

A busca pelo corpo perfeito aparentemente não era um problema para Francesca.



FIGURA 13: *Sem Título*, Francesca Woodman, 1979-1980 Fonte:

http://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/22/cultura/1453475483_302876.html Acesso em 14/062017.

Análise gráfica FIGURA 13: Linhas que se entrelaçam, enlaçam e prendem corpos femininos tal qual correntes aprisionam os condenados. “O ponto, a linha e o plano compõem os alicerces do design. Partindo destes elementos, os designers criam

imagens, ícones, texturas, padrões, diagramas, animações e sistemas tipográficos.” (LUPTON, PHILLIPS, 2008, p.13).

Branca, jovem, bela, rica, inteligente e americana, estava situada no topo de uma hierarquia social que a beneficiou, sem dúvida. Por outro lado, mesmo desfrutando de tantos privilégios sociais, contestou padrões estéticos que imperam até hoje. É óbvio que sua posição social lhe favorece inclusive neste sentido, mas não deslegitima sua abordagem e importância.

Ainda nos instiga a refletir: se nem uma bela mulher se satisfaz com o dito corpo perfeito que possui, qual será então a verdadeira busca que traz a felicidade? Penso que estas questões sobre o corpo abordadas pelas fotografias de Francesca nos forneça um caminho, uma linha de raciocínio questionadora sobre a função estética do corpo feminino. Nos faz ver o corpo de outra forma, uma abordagem impactante que revela o que deveria ser óbvio: a perfeição é humanamente inatingível, principalmente para a mulher que é socialmente e culturalmente subjugada ao homem e a elas próprias por diversos motivos que nunca lhe beneficiam e/ou lhe beneficiarão. Então a busca pelo corpo perfeito é uma busca infinita, inatingível e, ainda, alimentada pela alienação em massa.



FIGURA 14: *Sem Título*. Francesca Woodman, Nova York, 1979–80 Fonte: <http://www.bloginity.com/2011/08/francesca-woodman-premiere-san-francisco-2011-travel-ny-2012/> Acesso em 14/06/2017.

Análise gráfica FIGURA 14: Partes do corpo cortadas dão vez ao sangramento. “Uma imagem sangra quando ultrapassa os limites de uma página. O fundo se oculta e a imagem parece maior e mais ativa.” (LUPTON, PHILLIPS, 2008, p.104). Francesca nos exige atenção total.

Correntes de tecido que predem de tão sutil forma e que a muitas engana com sua discutível beleza. Usar e ornamentar o corpo a fim de seduzir, ou ser seduzida, usar ou ser usada, pelo prazer alheio ou convenção social, ofuscando o que realmente importa, aquilo que não se vê.

Na fotografia acima observamos uma mulher que está só, apesar dos ornamentos sedutores, abraçada a si mesma como quem se acalenta por falta de companhia ou sentimento de autocondenação, por sua tão sedutora e culpada beleza. De que adianta todos estes enfeites, para que serve se ainda assim ela se encontra sozinha e condenada afinal? E porque quer tanto seduzir se o que procura não está em nenhum outro corpo senão no seu?



FIGURA 15: *Sem Título.* Francesca Woodman, 1972-1975 Fonte: <http://www.heenan.net/woodman/boulder/colorado-7.shtml> Acesso em 14/06/2017.

Análise gráfica FIGURA 15: Podemos observar nesta imagem a questão da escala. “Subjetivamente, a escala alude à impressão que alguém tem do tamanho de um objeto.” (LUPTON, PHILLIPS, 2008, p.41).

Curvas cobiçadas e uma mente fervilhante, Francesca se utiliza da moda para complementar a construção deste cenário fotográfico. Deitada no sofá não se abre, nem se mostra, pelo contrário, desta vez dá as costas às lentes da câmera, se recolhe em seus braços e priva seus olhos, talvez lacrimosos, dos olhos do observador. A intimidade tanto se dá externamente pela exibição de suas curvas, quanto, internamente, reclusa, íntima de si mesma em seu quarto, só.

Corpo e dor: uma maneira fácil de lembrar que se estar viva. Cada dor é uma lembrança da fragilidade do corpo em relação à Morte. Lembra-nos que somos carne, cortáveis, mortais. Mais uma vez sem pernas e braços, apenas uma mão

denuncia que foi ela própria quem fez tal ação a seu corpo. Os seios mais uma vez expostos com liberdade, aqui desempenham uma função além da sexual e alimentar, servem de cabide, mas não de roupas.

Uma brincadeira com o próprio corpo, uma nova perspectiva, com objetos que prendem, mas não aprisionam, mas que machucam. Dor, esta é a palavra que, para mim, resume o ato de pregar pegadores no corpo, principalmente em áreas sensíveis como os mamilos.

Observando por uma outra perspectiva remete à liberdade em utilizar o próprio corpo, os próprios seios, como arte, e registrá-los flagrados em tal situação e exibi-los num registro fotográfico. Um ato íntimo, pessoal, compartilhado. A dor feminina compartilhada.

3.3 - A atriz

Uma existência pode ser vivida e encarada de diversas maneiras. Tanto é possível cegar-se os olhos e acreditar no que dizem os canais de TV, como também pode-se viver de forma independente, oposta, nadar contra a maré. Algumas pessoas dividem a sociedade em dois grupos: os que estão na plateia e assistem, e os que estão no palco e atuam. Francesca Woodman pertence, sem dúvida, aos atuantes.



FIGURA 16: *Sem Título*, Francesca Woodman, 1975—1978 Fonte:

http://www.artspace.com/francesca_woodman/from-polka-dots-series-providence-rhode-island Acesso em 14/06/2017.

Análise gráfica FIGURA 16: Texturas fortemente presentes nesta imagem fundem diversos elementos num mesmo plano. “As texturas incluem tanto a superfície efetivamente empregada na feitura de uma peça impressa ou de um objeto palpável quanto a aparência ótica desta superfície.” (LUPTON, PHILLIPS, 2008, p.53).

De modo oposto e contrastante a pele lisa de Francesca nos salta aos olhos destacando-se de seu contexto ruidoso.

De personalidade forte e incomum, desde criança se diferenciava do senso comum. Sem dúvida sua excêntrica personalidade foi influenciada pelo ar artístico que lhe cercava, pois, filha de dois artistas. A vida então se mistura com a arte e se transforma em um espetáculo protagonizado conscientemente pela pequena Francesca, que certa vez, segundo o relato de uma amiga no documentário *The Woodmans* (2010), ao se apresentar disse se chamar “*Franceeesca*”, com um tom grandioso, espetacular, como uma bruxa que revela em intimidade seus poderes secretos.

Em suas imagens Francesca constrói cenários, mundos irreais de tão fantásticos, cenas impactantes, dramáticas, faz caras, bocas e gestos; interpreta a si mesma, se mostra por dentro enquanto expressa suas emoções mais profundas. Nada era impensado, ou por acaso, pelo contrário, havia muita dedicação ao estudo de técnicas, composição etc., ao mesmo tempo que a entrega total de seu corpo e espírito. A vida e o mundo são vistos pelo seu ponto de vista e essa visão cresce e se fortalece; ego. Talvez sua solidão tenha lhe matado ao mesmo tempo que lhe forneceu materiais imateriais para tão profundas e sombrias composições imagéticas.

Visivelmente uma mulher inteligente e talentosa, Francesca era confiante em relação a qualidade de sua arte e sabia que o não reconhecimento se dava por motivos externos a ela, tanto é que após sua trágica morte, se tornou uma admirada fotógrafa e conquistou o reconhecimento que tanto queria em vida.



FIGURA 17: *Sem Título*, Francesca Woodman, 1977-1978. Fonte:

<http://www.initiartmagazine.com/gallery.php?galleryid=70&date=1295861669> Acesso em 14/06/2017.

Análise gráfica FIGURA 17: Seu corpo é seu fardo, peso físico e visual. A mão puxa para cima um corpo que olha e pesa para baixo. “Os artistas sempre procuraram representar o movimento dos corpos e a passagem do tempo no reino do espaço estático, bidimensional.” (LUPTON, PHILLIPS, 2008, p.215).

Eis, pois, este o arquétipo de Francesca Woodman: a atriz. Interpreta um *Eu* dela que ela mesma, talvez, desconheça, e por isso, tenta a todo custo descobrir, encontrar através do envolvimento, do mergulho profundo em sua arte, em sua mente. Nesta busca do Eu, porém, precisou se envolver com o outro, este que vê seu forte olhar penetrante e instigador através de sua obra. Segue sua busca, se envolve e se transforma em objeto, cenário, textura, fantasma, coisa, energia; transmuta o ser e ultrapassa as dimensões do real para assim se conectar com aquilo que nenhum personagem interpretado possui de fato: identidade. Sendo Francesca então uma atriz que penetrou tão afundo na alma de sua personagem que ultrapassando as barreiras do espelho, o penetrou, e presa permaneceu do outro lado, esquecendo-se de sua identidade original. Em seu diário pessoal descreveu suas amarguras e tristezas, revelou sua carência e solidão. Em suas fotografias materializa ideias e pensamentos. Desde a infância envolvida pela arte e

instigada a expressar seu lado artístico, o fez tão intensamente que se esqueceu de equilibrar o sonho com o despertar, causando assim um desequilíbrio de fato mortal.



FIGURA 18: *Sem Título*, Francesca Woodman. Fonte: <http://esoterologia.blogspot.com.br/2014/07/francesca-woodman.html/> Acesso em 14/06/2017.

Análise gráfica FIGURA 18: O espelho da alma que recusa-se a olhar para si mesma. Aqui o enquadramento refletido no espelho tanto ultrapassa quanto completa a imagem por trás do quadro. “O enquadramento também pode penetrar a imagem, deixando-a aberta e permeável” (LUPTON, PHILLIPS, 2008, p.101).

Seu suicídio, como todos os suicídios são, foi planejado com o diferencial de ser pretensiosamente chocante e trágico pela forma como foi feito. Francesca Woodman não escolheu a reclusão e o anonimato, ela quis e conseguiu a atenção e fama que tanto quis, mas para tal conquista pagou com sua própria vida. Qual foi, de fato, a mensagem que ela pretendeu dizer? Nunca saberemos, apenas podemos supor, imaginar, pois de mistérios são cercadas suas imagens e de mistérios é cercada toda alma.

4 - UNA

Fotografia não é imagem. Na verdade, não apenas, ou não essencialmente. Se trata muito mais de história, narrativa, do que de imagem. Indicada por uma professora fui ler *A Câmara Clara* (1980) de Roland Barthes (1915-1980), qual foi minha decepção à não identificação com tão reconhecido livros/autor. Logo me vem à mente uma reflexão ponderada do filósofo contemporâneo Leandro Karnal (1963) que questiona o aluno, do primeiro ano de faculdade, que diz discordar com o pensamento de Immanuel Kant. Ele diz que entende o aluno, haja visto sua imaturidade, mas se pergunta se em momento algum tal aluno não se questiona sobre o fato de Kant ter dedicado a vida no estudo sobre aquele determinado tema para, a partir daí, formular seus pensamentos e conclusões, enquanto aquele mesmo aluno mal entrou na universidade e já se opõe tão fortemente à pensamentos tão maturados de um pensador mundialmente respeitado. Minha identificação com o aluno foi automática! Como eu, que estou terminando agora minha faculdade em design, me dou ao direito de discordar do grande Barthes? O fato é que achei sim sua escrita, abordagem e análise deveras metódicos. Por outro lado, me fez pensar que ali se apresentava uma ótima oportunidade de conhecer o ponto de vista de um fotografado falar sobre fotografia, mas nem isso, em sua escrita, me encantou. Entre análises frígidas e descritivas, seu livro, que tanto ansiei ler, me causou somente tédio. Como sou apenas uma estudante me dou ao direito de criticá-lo e, futuramente, me arrepender e admirá-lo, pois, só depois de alguns anos e reflexões conseguirei captar tão sutil mensagem que o autor nos transmite através de tão renomada obra.

Tal reflexão me fez pensar no que então estaria por trás das fotografias. A resposta me veio de forma singela e sentimental, como acredito ter de ser tudo na vida, ao rever fotografias de antigos álbuns familiares que recentemente resgatei da casa de minha vó Júlia (ela guardou tudo durante anos, um verdadeiro tesouro para uma jovem estudante fotógrafa). Todas aquelas fotografias me emocionam demais e foi observando uma tirada pela minha mãe que meus olhos se encheram de lágrimas e tudo fez sentido. Histórias, lembranças, emoções é disto que se trata a fotografia. Não meras imagens que qualquer um descreve de forma fria e levianamente descarta por sua irrelevância científica ou histórica. Afinal de contas uma fotografia de meu aniversário é, com toda certeza do mundo, mais importante

historicamente do que uma do aniversário do filho da rainha da Inglaterra, pelo menos na opinião de minha mãe e daqueles que cercam a mesa que contém dois bolos, duas *Coca-Colas* venenosas e uma família fotograficamente feliz celebrando o aniversário de uma criança linda e saudável.

Aquela fotografia me fez sentir o propósito da Fotografia: registrar e transmitir sentimentos através de imagens.

É com esse pensamento e sentimento, que observei e escrevi sobre Francesca Woodman e suas fotografias. É com esse pensamento e sentimento que criei, pensei e analisei a parte projetual deste trabalho acadêmico, meu Fotolivro digital *UNA*.

É importante ressaltar que a obra fotográfica de Francesca, assim como o estudo que realizei sobre tal, me influenciaram principalmente nos primeiros ensaios do fotolivro (*O Duplo e Lílith*). Nestes ensaios é mais clara e notável a influência de Francesca na construção de minha narrativa imagética através de gestos, cores e texturas. Nos outros ensaios essa influência existe, porém de maneira mais sutil. Isso se dá por um motivo simples, porém importante de se citar. Assim que decidir fazer o presente trabalho sobre Francesca Woodman, minha identificação com ela era extremamente forte, desde a primeira fotografia que vi, me atraí instantaneamente e me vi seduzida a explorar afundo tudo que estava por trás daquelas imagens. Contudo, ao decorrer do tempo e aprofundamento não apenas no trabalho de Francesca, mas também no meu próprio processo criativo, fui descobrindo em mim, enquanto artista, nuances que distorciam visualmente da estética predominante da obra de meu objeto de estudo Francesca Woodman. Decidi mergulhar em mim mesma, inspirada em Francesca, que via a arte como parte de sua vida, de sua alma, de sua existência. Decidi ver minha própria arte expressa em características minhas que iam além de minha identificação com as fotografias de Francesca. Precisei me distanciar de seu denso e depressivo universo para explorar um outro lado de minha própria personalidade. Isso não significa que abri mão totalmente da temática a qual me propus, apenas optei por explorá-la sob um outro ponto de vista, sob uma perspectiva mais empática ao que se refere ao modo de fazer ao invés do resultado desse modo. Ou seja, apenas deixei de me inspirar nas fotografias e passei a me inspirar na dedicação e entrega que Francesca empregava em cada ensaio que fazia.

Deste modo é perceptível a mudança de cores, ambientes, temáticas e contextos no último ensaio (*Conectar*) onde busquei unir, conectar, essas duas nuances de abordagem do trabalho de Francesca em meu processo criativo.

O *Conectar* foi também um modo que encontrei de unir os elementos da natureza que, a meu ver, estavam faltando em meu trabalho. Em minha interpretação, Francesca é água pura, densa e profunda; abordei em mim, além da água, os outros elementos (terra, ar, fogo e o éter que é a energia/elo que interliga todos em um).

Nos primeiros ensaios *O Duplo* e *Lilith* as imagens são mais sombrias, escuras, fiz muito uso do preto, branco e tons de cinza para me aproximar e conectar com a energia da obra de Francesca. Também me utilizei de um cenário mais urbano, íntimo, caseiro, com o mesmo intuito. Tudo refletiu minha total identificação emocional com os sentimentos de amargura, angústia e carência dos quais compartilhei com ela. Acontece que conforme fui explorando e expressando tais sentimentos em meus ensaios fotográficos, fui exorcizando meus medos e demônios, fui mexendo, doendo e curando certas feridas que em mim existiam e gritavam, imploravam por atenção. Creio que foram tais feridas que fizeram com que minha identificação com Francesca tenha sido tão rápida, instantânea. Foi como um enfermo que, depois de anos de sofrimento e solidão, finalmente encontra um médico que entende sua rara doença. Explorar meu lado sombra através das impactantes imagens de Francesca foi uma experiência ímpar e construtiva em minha vida. Porém, como todos sabem, o desfecho da história de Francesca não foi nada saudável; e eu não quis segui-la até o fim. Chegou um ponto em minha exploração, tanto na obra dela quanto em minhas profundezas, que precisei, pela primeira vez, me distanciar dela para encontrar em mim quais seriam os próximos passos que eu queria seguir, já que não pretendi em momento algum explorar meus infernos até o limite do suicídio. Francesca seguiu seu caminho, fez suas escolhas; eu precisei fazer as minhas. A partir daí iniciou-se uma abordagem mais leve e natural, no sentido de natureza mesmo. Comecei a me conectar mais com os elementos naturais que me cercavam. O céu, a lua, o sol, as árvores etc. O universo que compartilhara com Francesca foi tão interno, escuro e denso, como a água fixa do signo de escorpião, que senti a necessidade de explorar o exterior. Se tudo é *UNA (uno)*, o que é dentro é fora e o que é fora é dentro. Não há opostos, apenas

diferentes complementos. Decidi me complementar do externo. Foi nessa exploração do meu eu exterior que nasceu o ensaio *Conectar*, que explora a natureza, as cores, as folhas, sobe em árvores rumo aos céus desconhecidos, enxerga no ferro aterrado, asas para voar, e, finalmente, percebe que, para voar em sua plenitude, antes foi preciso mergulhar em suas profundezas. São processos que se complementam. Um não é melhor ou mais importante que o outro. Não importa sequer se se começa por um ou pelo outro. Uma pessoa que seja mais externa pode iniciar todo o processo pela plenitude de voar, ou seja, pela leveza da vida, pela alegria de viver, pela beleza da superfície, e só depois, mergulhar nas águas profundas de seus próprios pensamentos, medos e crenças limitantes. Talvez esta tenha sido a ordem que Francesca Woodman seguiu, tendo primeiro uma infância de leveza e beleza, para na vida adulta explorar o lado obscuro da vida. Francesca, pôs um fim trágico a sua narrativa; eu continuo explorando ora o externo, ora o interno, uma terceira pessoa pode expressar uma terceira reação ou então nenhuma, ignorar tudo isso e viver de forma cega enquanto é entretida pelos programas televisivos. Todas as alternativas estão disponíveis e são igualmente válidas. Depende de cada um o caminho que decide seguir.

Capa do livro, aqui começa a minha narrativa. A escolha do nome *Una* se dá por reunir fragmentos, aparentemente desconectados, daí o subtítulo: *Conectando Universos*. Decidi trocar *Uno* por *Una* para fortalecer o discurso feminino de conexão com a Deusa e a Mãe Natureza, que rege todas as fotografias envolvidas neste trabalho. A imagem escolhida para a capa faz parte de um ensaio, que fiz para o Laboratório de Fotografia do Agreste - FotoLab, chamado *O Duplo Negro*, que fala sobre a dualidade da alma e aborda o lado negro, desconhecido, misterioso ao qual muitos de nós temem e/ou fogem, mas que está presente em cada ser humano e que, se explorado com sabedoria, e que poderá se desdobrar em um portal para universos íntimos e inexplorados. É uma imagem que conversa, em conceito, com todo o resto do livro por ser ao mesmo tempo alma e matéria, luz e sombra, comum e desconhecido.

O Duplo, ensaio completo:



"Uma tradição (...) narra o caso de um homem em busca de Deus que se encontrou consigo mesmo". O Duplo eu: meu espelho, meu reflexo, meu gêmeo. O eu completo que é externo (social) e interno (psicológico) ao mesmo tempo.



"*Conhece a ti mesmo*" disse Platão lá nas antigas (é assim que se diz em Recife. Recife, praias, águas, espelhos). Tudo se conecta, se completa. É o Eu maior; o todo manifesto).



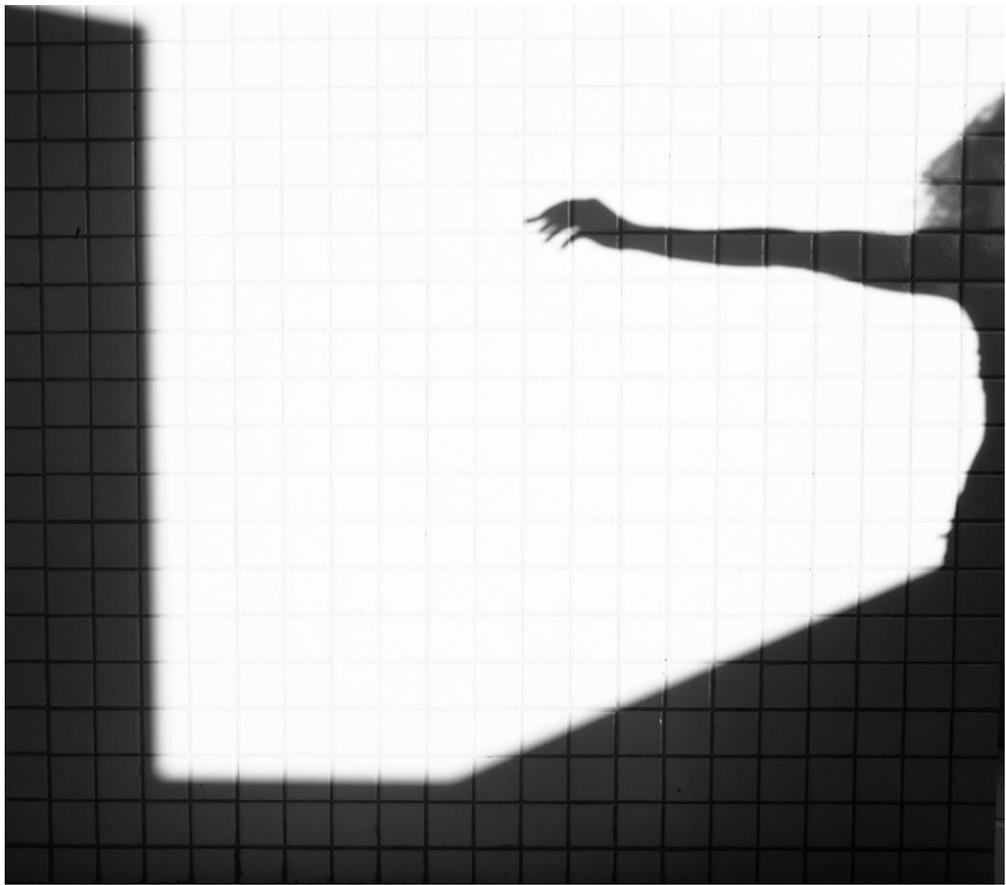
Espelhos aquáticos, águas profundas, águas escuras, desconhecido, medo, morte: o maior de todos os desconhecidos. "*Encontrar consigo mesmo é, por conseguinte, funesto*". A morte que nem sempre se mostra no corpo, física, matéria, costuma também se apresentar em formas sutis, simbólicas; são passagens, rituais, mudanças internas que redefinem o autoconceito do Eu.



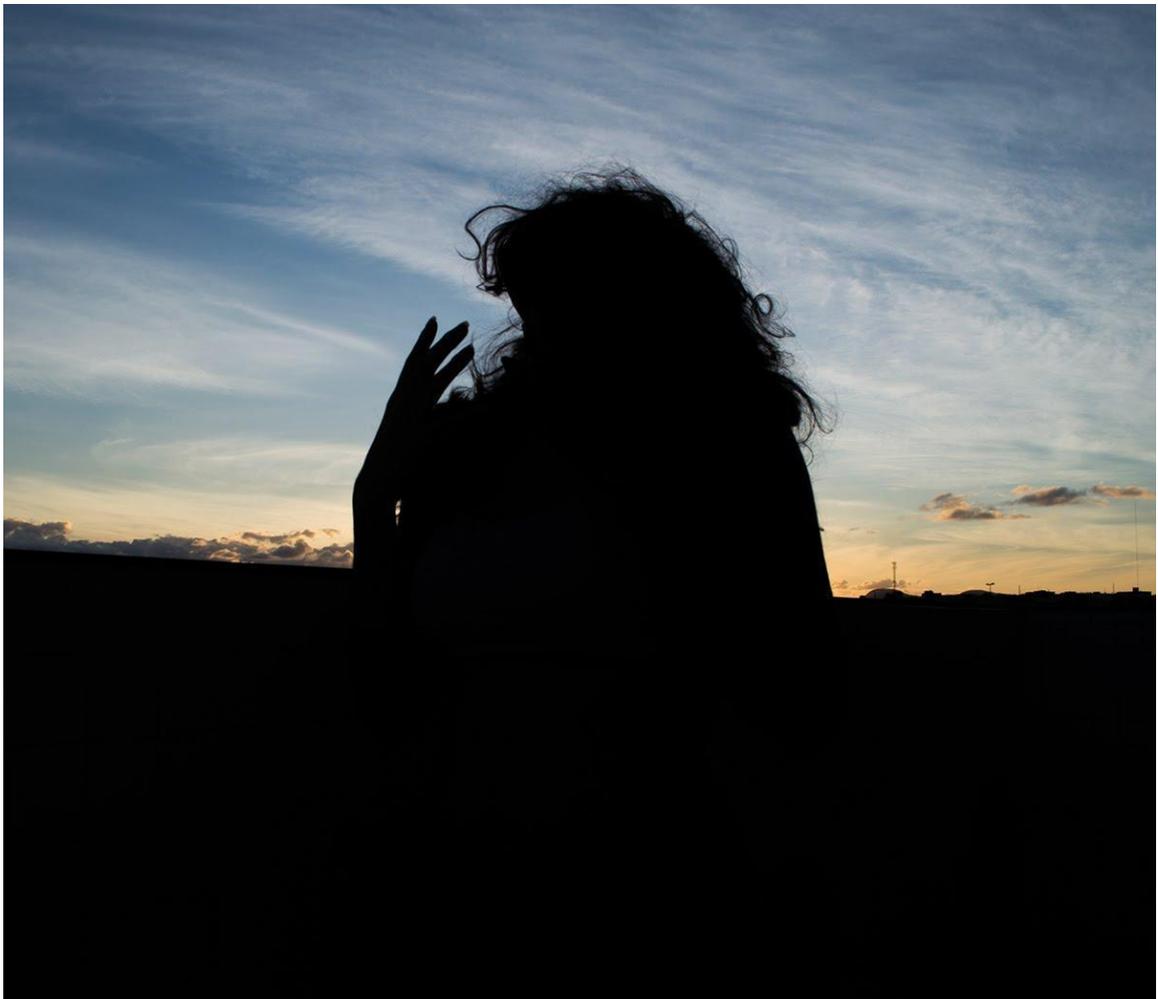
"Na poesia de Yeats, o Duplo é o nosso anverso, nosso contrário, aquele que nos complementa, aquele que não somos nem seremos".







"No relato *William Wilson*, de Poe, o Duplo é a consciência do herói. Este o mata e morre".



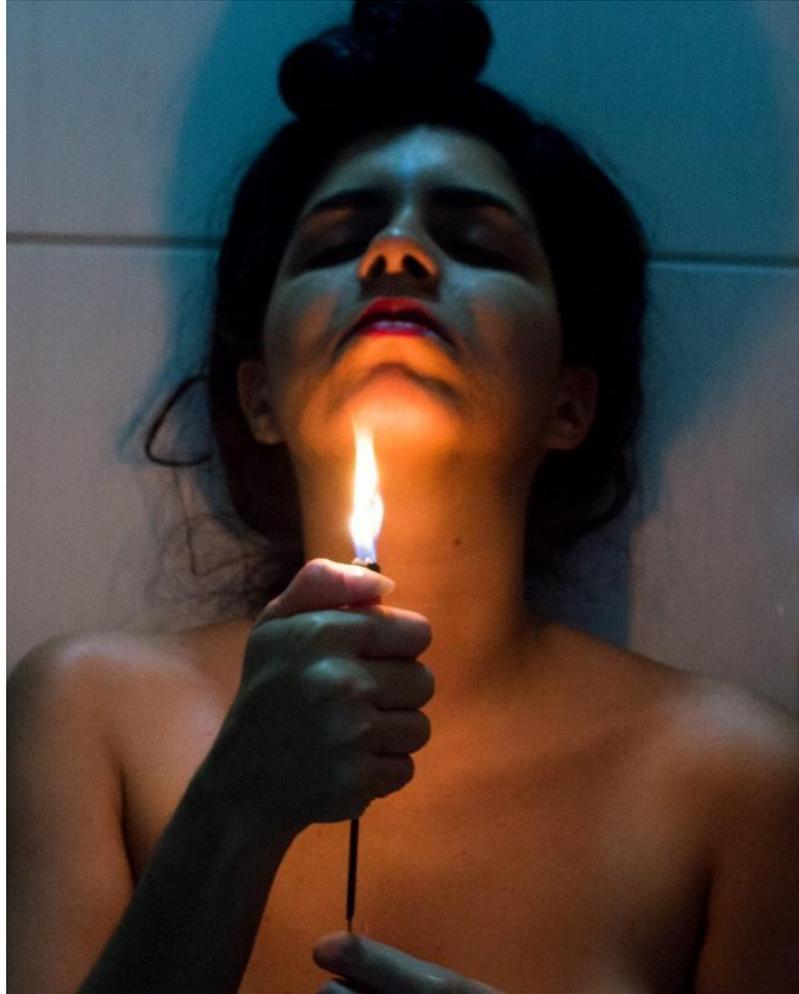
"Dois amantes se encontram consigo mesmos no crepúsculo..."

Crepúsculo: luz e trevas, dia e noite, início e fim, tempo, antônimos, vida e morte. A morte simbólica se faz presente desde o crepúsculo às profundezas das águas escuras.



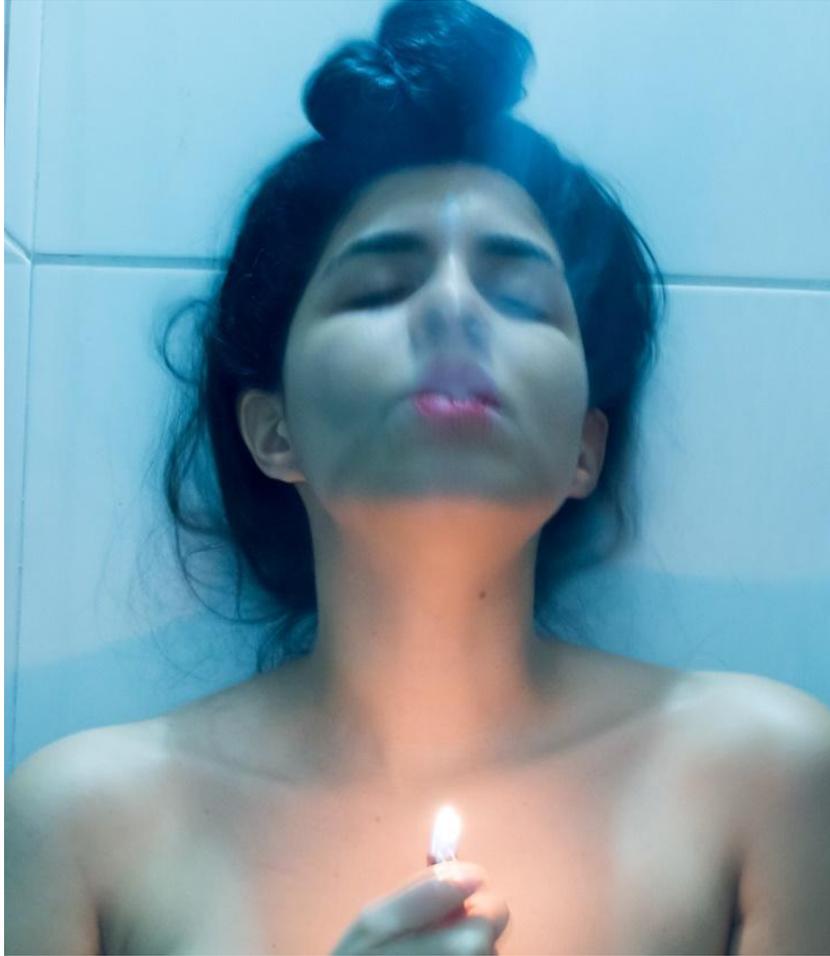


"Para os judeus, contudo, o aparecimento do Duplo não era presságio de morte próxima. Era a certeza de ter alcançado o estado profético".



A transcendência dos espelhos (internos e externos), espelhos aquáticos, espelhos humanos, irmãos gêmeos etc.

Dizem respeito a nossos opostos (vida e morte, dia e noite, preto e branco, etc.) são antônimos harmônicos que se complementam. São o Todo, são o Tudo. É Vida Morte, é uno.



Eis uma humilde reflexão sobre O Duplo.

Escolhi esta reflexão da Monja Coen pois conversa totalmente com o conceito de todo meu trabalho. Coen é uma inspiração para mim e meu entendimento sobre o Ser, o qual se reflete diretamente na minha abordagem sobre o tema, se deve, em parte significativa, a ela.

Para Descansar a Alma

"Arranje um cantinho sossegado e uma almofada gostosa. Acenda um incenso de sândalo. Sente-se com as costas bem retas. Coloque as mãos sobre os joelhos, com as palmas para cima e balance o corpo lentamente da esquerda para a direita, de movimentos maiores a movimentos menores, como um pêndulo, até encontrar o centro de equilíbrio do corpo.

Pare aí. Inspire profundamente e solte o ar lenta e completamente pela boca. Relaxe os ombros. Inspire novamente e solte o ar pela boca. Então cerre os lábios, coloque a ponta da língua no céu da boca e respire pelas narinas. Mantenha os olhos entreabertos, apenas pousados a sua frente.

Ouçã todos os sons. Sinta todas as fragrâncias. Perceba o ar, a temperatura em sua pele. Você está pensando? Ou não está pensando? Verifique sua postura. Costas eretas. Cabeça como se um fio puxasse para o céu. Pernas firmes pela força da gravidade. Não julgue. Nem certo nem errado, nem bonito nem feio. Seja. Apenas sentar. Intersendo com tudo que existe. Que bom estar viva. Este instante aqui e agora é o céu e a terra. Isso é tudo. Tudo é nada."

Monja Coen

Esta imagem dialoga com o texto da monja por isso decidi colocá-la na página seguinte do livro. Representa a busca pela iluminação, o Nirvana que se dá, segundo antigas tradições, através da meditação.



A água foi um elemento crucial para a realização de todo o trabalho. Através da *Água e os Sonhos* (1942), Gaston Bachelard me acompanhou e guiou durante todo meu processo criativo, tanto das fotografias quanto da escrita. Por isso, e por motivos aquáticos profundamente femininos, decidi adicionar esta página que fala de maneira breve e singela sobre minha visão sobre a água.

Água

Quando chove vem do céu
Tudo lava e alimenta.
Uma limpeza coletiva e natural
Leva os males, espanta o mal.
Traz frescor ou mormaço ao tocar o chão
Traz lembranças tão longínquas
De fartura e alimento
Para terra, corpo e pensamento.
Refletindo o mundo se faz espelho universal
Tão profunda, clara, escura ou rasa
Representa hora o bem, hora o mal.
E quem dela não se afeiçoar
Precisa logo despertar e a mente iluminar
Necessita perceber que o mundo é natureza
E que toda água traz consigo
Amor, gratidão e, de veras, beleza.

Nestas duas páginas falo sobre os Regimes Noturno e Diurno de Gilbert Durand. Foi a partir deles que iniciei minha jornada pelo universo imagético de Francesca Woodman e de mim mesma.

Regimes Durandianos

Apesar de predominantemente noturna uma imagem possui, necessariamente, características diurnas e vice-versa.

O fogo místico invocado pela bruxa é o mesmo que queima em chamas sua pele pagã.

A flor feminina outrora submissa, endeusa-se e retoma seu trono junto ao deus que de bom grado se permite dominar.

Deusa
Mulher
Feminino
Regime Noturno

Regime Diurno
Masculino
Homem
Deus



O Duplo

Yin e Yang, opostos que se completam. Ensaio sóbrio, são em preto e branco, a fim de priorizar gestos, luz/sombra e texturas.

As fotografias selecionadas para o *ebook* resumem, de maneira enxuta, o conceito do Duplo. Primeiro há a rejeição, em seguida a descoberta, e depois, a conexão dos mundos opostos.









Lilith

Mulher, liberta e culpada. A bruxa que detém poderes, controla serpentes e manipula por prazer. Preto, branco e cinza transmitem o mito obscuro de Lilith.

"Porque antes de Eva foi Lilith", lê-se num texto hebraico. Lilith era uma serpente, foi a primeira mulher de Adão e lhe deu filhos resplandecentes e filhas esplendorosas. Depois, Deus criou Eva. Lilith, para vingar-se da mulher humana de Adão, convenceu-a a provar do fruto proibido e a conceber Caim, irmão e assassino de

Abel. Essa é a forma primitiva do mito. No decorrer da Idade Média, sob a influência da palavra *Layil*, que em hebraico quer dizer "noite", o mito foi se transformando. Lilith deixou de ser uma serpente para ser um espírito noturno. Às vezes é um anjo que governa a geração dos homens, outras, demônios que assaltam os que dormem sozinhos ou os que andam pelas estradas. Na imaginação popular costuma assumir a forma de uma silenciosa mulher alta, de negros cabelos soltos" (Trecho retirado do *O livro dos Seres Imaginários* Jorge Luis Borges).















Conectar



Os cinco elementos se encontram neste ensaio fragmentado. Um sexto, a energia, está presente em todos e os faz unidade. A intenção deste último ensaio é voltar à matéria, conectar alma à natureza. Ser em ligação com mundo. As cores da natureza vibram e se fazem presentes.

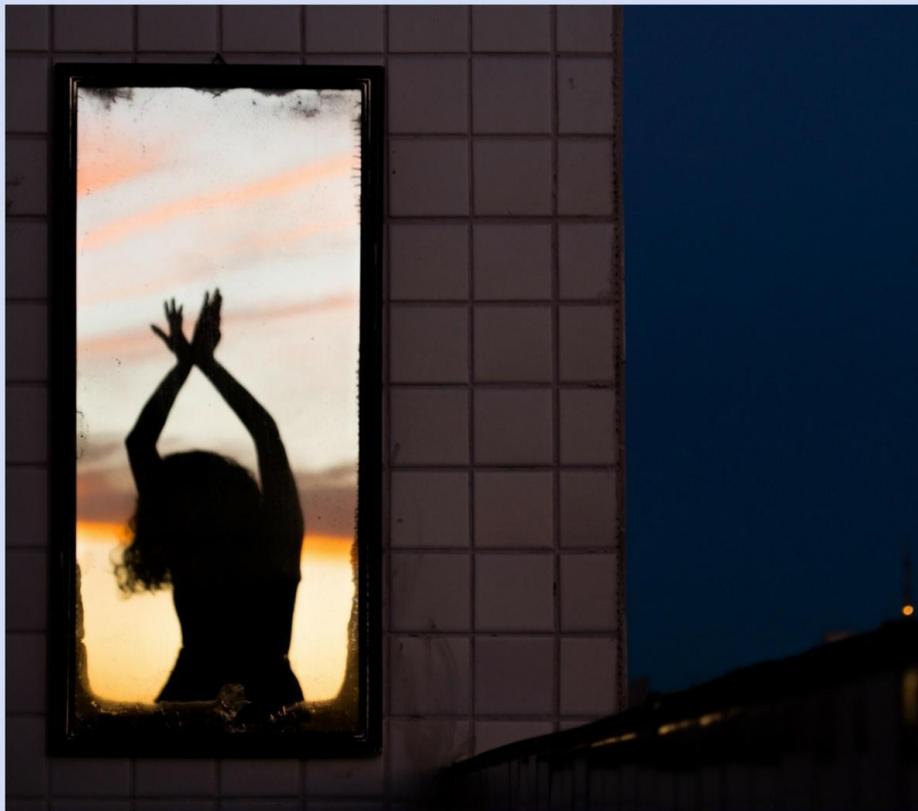
Anjo caído. Asas que não voam. Desprendimento. Primeiro contato com a Mãe



Terra. Erguer-se. Experimentar, aceitar, imaginar. Ideia da elevação/subida.



Salto para o céu: experimentando o ar. Anjo caído, a queda, retorno à gravidade.
Espelho, liberdade da alma sonhadora: voo aquático, mundo paralelo.



Encerrando *ebook* faço referência ao Laboratório de Fotografia do Agreste - FotoLab, por todos amado, ao qual tive a sorte e o prazer de participar durante três anos, desde o terceiro período da graduação e pelo qual nutro profundo carinho e respeito. Foi no FotoLab que conheci a Teoria do Imaginário que foi um divisor de águas em todas as esferas de minha vida e que influenciou forte e diretamente todo meu trabalho enquanto, fotógrafa, artista e designer, através do profundo envolvimento e liberdade que proporciona entre autor e objeto de estudo. Sou eternamente grata pelo meu professor orientador Eduardo Romero que me apresentou ao Imaginário e me deu total liberdade criativa para desenvolver de forma tão íntima este estudo.

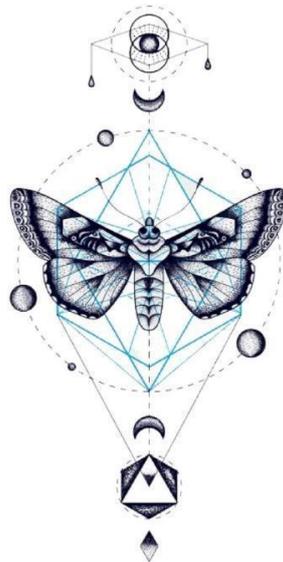
Todas as fotografias presentes neste livro são autorais e foram, em sua maioria, conceitualmente baseadas em ensaios orientados pelo Prof. Dr. Eduardo Romero L. Barbosa para o Laboratório de Fotografia do Agreste - FotoLab/CAA.

The logo for FotoLab, featuring a large red semi-circle at the bottom of the page. The word "FotoLab" is written in a bold, black, sans-serif font across the bottom of the red semi-circle.

FotoLab

A última página do livro contém uma imagem particularmente especial em minha vida. É uma mariposa, cercada de luas, traços e formas geométricas. Esse desenho tem um significado que resume vários pensamentos que tenho a respeito da vida, da morte e da transcendência, pensamentos estes que estão impregnados em cada palavra que escrevo e cada fotografia que registro. Encerrar meu trabalho com esta imagem, que é também uma forma de me conectar ainda mais com toda esta criação, uma vez que a tenho tatuada em meu corpo. Esta monografia está marcada em mim assim como eu estou marcada nela. Una.

Ela, noturna, profunda, jamais resume-si numa bunda. Entre mantras, artes e contrastes cria vida, morte e mundo com seus pensamentos nem sempre positivos, pois humana, mas energias positivas ela emana. Sente a brisa, namora o sol, as árvores e suas folhas. Intuitiva conversa com bichos, pessoas e plantas. De tão mística retorna à antiga magia que outrora lhe foi ilusoriamente retirada; olhos se abrem, sangue que desce, verdade revelada, magia retomada. Empoderada de vida e de morte, menstruada, morta ou grávida ela sabe que seu poder é milenar e infinito, efêmero em vida, eterno em Una.



5 - Considerações Finais

Escrever o primeiro Trabalho de Conclusão de Curso, o famigerado TCC, é sem sombra de dúvidas um grande desafio para a grande maioria das pessoas. Horas de leitura, escrita, correções, dúvidas, desesperos, noites mal dormidas, crises de pânico, lágrimas etc.

Comigo não foi diferente, não conseguiria expressar em palavras o sentimento de estar, neste momento, escrevendo minhas considerações finais.

Francesca Woodman foi um desafio à primeira vista. Desde a primeira fotografia que vi soube que este trabalho não seria como os outros que havia feito na universidade. Francesca é densa, profunda, misteriosa, não me canso de repetir e enfatizar tais características, pois elas se expressam tanto em Francesca Woodman quanto em mim e, conseqüentemente, em meu texto.

Quando comecei a analisar suas imagens através do envolvimento que senti por cada uma, graças ao respaldo concedido pela poética de Bachelard, aliado a meu olhar de designer em formação, mergulhei e me entreguei de corpo, alma e mente em seu universo.

Iniciei minha pesquisa pelo final. Primeiro fui à obra que Francesca nos deixou, me envolvi profundamente com cada fotografia que eu descobria, imaginava as técnicas utilizadas, a mensagem que ela quis transmitir e, principalmente, os sentimentos que aquela imagem despertava em mim. Foi assim que estreitei minha relação com a Woodman, através da empatia. Primeiro minhas emoções, em seguida imaginava as dela. O não julgamento de seu suicídio foi crucial. Não me permiti em momento algum questionar o certo ou o errado em Francesca, apenas busquei ouvi-la e compreendê-la para que dessa forma fosse possível adentrar em seu universo imaginário.

Sobre Francesca não tive muitas surpresas, mas sobre mim sim. Desde o primeiro momento em que decidi que iria usar a Teoria do Imaginário para analisar meu objeto de estudo, tive certeza que seria uma experiência de envolvimento total de minha parte. E assim foi. Logo que iniciei as leituras e análises sobre a vida e obra de Francesca Woodman paralelamente iniciei também um estudo, totalmente informal e fora das normas da ABNT, sobre minha própria vida e obra. Compreender

meus medos e angústias me ajudou a entender os medos e angústias de Francesca. Infelizmente o desfecho que ela deu à sua vida foi trágico e não há o que se fazer, além de orações, a respeito disso. O que pude fazer em relação a mim eu fiz e está expresso no UNA que foi parte projetual deste trabalho.

O UNA é a síntese do que aprendi com Francesca. Primeiro houve uma influência estética, onde realizei ensaios em preto e branco e/ou monocromáticos, buscando explorar expressões e sentimentos. Depois segui um caminho autoral onde busquei me distanciar um pouco de Francesca para que pudesse acessar minha própria individualidade enquanto mulher e fotógrafa.

Termino essa jornada com sensação de dever cumprido e certeza de que meu imaginário se entrelaçou totalmente ao de Francesca Woodman e que está totalmente presente e expresso em cada parágrafo deste trabalho.

A obra de Francesca reflete sua personalidade, seus pensamentos, sua vida. Ela de fato se entregou totalmente à sua arte. Sua sede por reconhecimento e sua tendência à melancolia contribuíram igualmente para seu sucesso, através da notável capacidade sentimental que ela conseguiu expressar em suas imagens, assim como contribuiu para seu mórbido fim. Morre um indivíduo nasce um mito. Francesca é uma fênix, sua morte é transição para uma transformação que ultrapassa a vida.

Referências

- FERREIRA, Agripina Encarnacion Alvarez. *Dicionário de Imagens, Símbolos, Mitos, Termos e Conceitos Bachelardianos*. Londrina: Eduel, 2013.
- BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a Imaginação da Matéria*. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo Sexo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CARDOSO, Rafael. *Uma Introdução à História do Design*. 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LUKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2003.
- PITTA, Danielle Perin Rocha. *Iniciação à Teoria do Imaginário de Gilbert Durand*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.